

O MATERIALISMO E O DESTINO DA FILOSOFIA NO SÉCULO XIX

Eduardo Nasser

Universidade de São Paulo

Resumo: Em meados do século XIX se estabelece uma desconfiança generalizada em relação aos direitos da filosofia. Essa desconfiança foi, em larga medida, provocada pela modificação na concepção de ciência, que deixa de ser ciências de princípios axiomáticos e passa a ser ciência experimental. Essa nova concepção de cientificidade suscita o afastamento da especulação em concorrência a uma valorização do indutivismo, uma inclinação que conquista a sua expressão doutrinária com o materialismo das ciências naturais, uma visão de mundo profundamente antagônica à perspectiva filosófica.

Palavras-chave: Materialismo, filosofia, ciência, especulação, indução.

Abstract: In the mid XIX century, a general mistrust is established towards the rights of philosophy. This mistrust was caused, in a large extent, by the modification in the concept of Science, which changes from a Science of axiomatic principles to an experimental Science. This new conception of scientificity evokes the withdrawal of speculation in concurrence to an appreciation of the inductivism, an inclination that will acquire its doctrinal expression with the materialism of the natural sciences, a vision of the world profoundly antagonistic to the philosophical perspective.

Key words: Materialism, philosophy, science, speculation, induction.

1. A nova concepção de ciência e a crítica da filosofia

Ao longo do século XIX, sobretudo após 1830, se estabelece uma desconfiança generalizada em relação aos direitos da filosofia, especialmente na Alemanha. O consenso é que a filosofia não deve somente ser corrigida, mas superada e, no limite, substituída pelas ciências naturais¹.

¹ Essa afirmação é corroborada por uma enorme quantidade de depoimentos emitidos na época. O recolhimento desses depoimentos foi realizado de forma magistral por Léo Freuler. Cf. FREULER, 1997, p. 9 - 16. Cf. também: GREGORY, 1977, p. 145 e 146.

O estímulo inicial para se veicular essa censura da filosofia provém da recepção dos sistemas idealistas, especialmente o de Hegel. O sistema hegeliano passa a ser encarado como a manifestação mais concreta do charlatanismo, uma verborragia tola produzida por um novo sofista, sobretudo devido à sua filosofia da natureza, que ao se instalar no *a priori*, deixa de priorizar os fatos. Sobre esse assunto, pode ser esclarecedor evocar um pequeno livro publicado em 1844, intitulado *Schelling'sund Hegel's Verhältnisszur Naturwissenschaft* de Matthias Jacob Schleiden. Nesse livro, as filosofias da natureza de Schelling e Hegel sofrem um duro ataque devido ao tipo de relação infrutífera que mantêm com as ciências naturais. Schelling julga que toda ciência deve partir da experiência, uma premissa ignorada pelos idealistas, o que acabou desencadeando uma grande quantidade de erros². Por exemplo, quando Schelling se ocupa com a água, diz Schleiden, não se trata da água examinada pelo químico, mas a água de um filósofo que a encara no nível do *a priori* – quer dizer, o que Schelling diz sobre a natureza da água parece para um químico como algo sem sentido. O mesmo vale para o constrangedor anúncio feito por Hegel de que o sistema solar deveria ser composto por sete planetas, um achado obtido pela pura especulação que inviabilizaria a existência de um planeta entre Marte e Júpiter. Praticamente na mesma época em que Hegel faz esse anúncio, Giusepe Piazzi descobria o planeta Ceres. Assim, sentencia Schleiden, é preciso que as ciências da natureza ignorem a filosofia da natureza; trata-se somente de um escolasticismo vazio que contradiz a experiência³.

Esse acolhimento pouco entusiástico dos filósofos naturais, ou tão somente da obsessão dos filósofos pelo *a priori*, está diretamente conectado à transformação da concepção de ciência que tem lugar no século XIX⁴. Sabe-se que a ciência, de Aristóteles a Hegel, é entendida como conhecimento dos universais, da verdade. Há, nesse sentido, um equacionamento entre filosofia e ciência – filosofia como investigação da verdade. Contudo, o sentido de ciência passa a se transformar no XIX, na Alemanha. Essa mudança conceitual concorre com importantes mudanças institucionais. Ressalte-se, antes de tudo, que, ao menos desde o século XVIII, a resistência alemã em

² Cf. SCHLEIDEN, 1844, p. 22.

³ SCHLEIDEN, 1844, p. 52 e 61.

⁴ Sobre essa transformação da concepção de ciência no século XIX, cf. SCHNÄDELBACH, 2009, p. 66 - 108.

relação ao utilitarismo gozava de consenso entre as classes cultas. Muito embora o iluminismo alemão de Leibniz, Lessing e Kant tenha sido reverenciado, havia uma clara reprovação ao iluminismo anglo-francês, cuja valorização da associação entre ciências naturais e educação desembocava num certo elogio do utilitarismo. É movido por esse desejo de afastamento de um projeto educacional que entrevia fins meramente operacionais que surge no final do XVIII o termo *Bildung*. Esse termo sintetiza a inclinação educacional que visa não a transmissão de conteúdos, de saber técnico, ou a subserviência a regras sociais, mas o crescimento interior do indivíduo, um espelhamento das práticas educacionais da antiguidade clássica. É essa primazia conferida à formação que fornece direção espiritual à fundação de prestigiadas universidades alemãs, como a Universidade de Göttingen (1734) e a Universidade de Berlim (1810)⁵. Na segunda metade do XIX, todavia, um novo rumo é conferido à agenda educacional das instituições, que passa, então, a se mostrar muito mais condescendente com o ensino técnico. Algumas causas para essa revalorização são circunstanciais. Seguramente contribuiu para tanto a pressão que os institutos técnicos passam a exercer na década de 1860, quando requisitam ter o mesmo reconhecimento que as universidades. Podemos também evocar as medidas promulgadas por Falk, ministro da educação a partir de 1872, favoráveis à *Kulturkampf* iniciada por Bismarck, medidas simpáticas ao espírito moderno contra a influência do cristianismo. Um outro indicativo interessante está numa radical transformação do currículo da filosofia universitária. Entre 1862 e 1890, há um notável declínio de cursos voltados para a filosofia grega e idealista; enquanto que anteriormente os cursos eram quase que exclusivamente dedicados a Platão, Aristóteles e Hegel, no período supracitado passa-se a tratar com mais ênfase de Descartes, Locke, Hume e Kant⁶. Mas talvez a causa mais simples e segura para explicar essa mudança é que, a partir de 1870, a Alemanha se torna fortemente industrializada, necessitando, assim, de um novo contingente de intelectuais, mais tecnológico do que humanista. Para se ter uma ideia da grande velocidade dessas transformações, a partir de 1870, os graduados das escolas técnicas passam também a ser aceitos em concursos públicos, algo que até então era somente um privilégio concedido aos alunos do ginásio. E havia uma boa razão para isso. Como mostrará Weber, na

⁵ Cf. RINGER, 2000, p. 29 - 128.

⁶ Cf. KÖHNKE, 1991, p. 220 - 227 e 249 - 250.

medida em que a ciência passa a estar intimamente conectada à produção industrial, o seu *ethos* se transforma, pois agora a ciência deve estar a serviço dos princípios do conhecimento experimental. Em outras palavras, a concepção de ciência muda pois se adentrou num novo estágio cultural, o estágio da *cultura técnica*, que exige um novo tipo de tratamento da natureza visando à repetição e ao controle dos fenômenos. A ciência que satisfaz essas novas exigências é a ciência natural. Daí Vogt afirmar, em 1847, que “as ciências naturais são o espelho mais fiel do espírito de nosso tempo”⁷. Já não é mais o tempo dos filósofos, o tempo da ciência do universal, mas o tempo das ciências empíricas, uma transformação que implica novos referenciais no concernente à racionalidade, ao método e à verdade.

a) Razão: Perde-se com a nova ciência um componente essencial para a filosofia, especialmente para os idealistas, que é a razão como divino *nous*. Passa-se a privilegiar a razão discursiva, o poder de julgar e inferir sobre os dados dos sentidos, uma racionalidade, enfim, utilitária.

b) Método: Inicia-se um predomínio dos métodos indutivo e hipotético-dedutivo em detrimento do categorial-dedutivo. Reaparece o espírito de Bacon contra o escolasticismo: não conhecer o já conhecido através dos silogismos; não partir do universal para o particular, mas do particular para daí extrair leis gerais.

c) Verdade: Conforme a ciência passa a ser guiada pela experiência e pesquisa, e não mais pela verdade absoluta, ela se temporaliza, tornando-se dependente do futuro. Uma hipótese está sujeita a constantes revisões, de modo que a ciência sempre progride para um futuro indeterminado. Ciência se define, assim, como um sistema de conhecimentos mutáveis cujas verdades são provisórias.

2.0 materialismo enquanto visão de mundo das ciências naturais

A nova concepção da ciência, agora bem entendida enquanto ciência natural ou experimental, exige uma nova visão de mundo que será

⁷ VOGT, 1847, p. 5.

fornecida pelo *materialismo*⁸. A implementação dessa visão de mundo forçosamente coincide, como veremos, com o enfraquecimento do ponto de vista filosófico.

Antes de tudo, é muito importante discriminar os tipos de materialismo que surgem na Alemanha do século XIX, pois, apesar de consonantes em muitos aspectos, sobretudo no que concerne o antihegelianismo, existem notáveis incompatibilidades⁹.

O primeiro tipo de materialismo seria aquele concebido pela chamada *esquerda hegeliana*, representada por nomes como Ludwing Feuerbach e David Strauss. Não por acaso muitos verão Feuerbach e Strauss como os “pais do materialismo”¹⁰. O que se inicia com essa corrente é uma inversão de Hegel. Mediante um reajuste da equação hegeliana entre real e racional, toma-se agora o ser sensível como o único ser real. Mas seria esse materialismo um materialismo rigoroso? Paralelamente à crítica do racionalismo hegeliano, Feuerbach combate também a equiparação feita por Hegel entre filosofia e teologia, fé e saber, propondo, no seu lugar, um *antropologismo*. O mundo não seria mais de Deus, mas do homem, que agora passa a fixar de forma soberana as suas metas. Contudo, como bem destaca Lange, “nessa glorificação exclusiva do homem nós reconhecemos um traço particular da filosofia de Hegel e que separa Feuerbach dos materialistas propriamente ditos”¹¹. Pois “o verdadeiro materialista sempre estará inclinado a voltar seus olhos ao grande todo da natureza exterior e a considerar o homem como uma onda no oceano do movimento eterno da matéria”¹². Ademais, o materialismo concebido por Feuerbach se faz possível graças a um procedimento dedutivo, pelo encadeamento lógico de ideias, devendo, assim, ser caracterizado enquanto um “materialismo abstrato”¹³.

⁸ Eu já fiz considerações sobre esse materialismo peculiar à visão de mundo das ciências naturais. Cf. NASSER, 2014.

⁹ A esse respeito, deixo de lado o materialismo dialético de Marx. No século XIX, como bem mostra Freuler, Marx era uma figura praticamente desconhecida. Por exemplo, quando André Levèvre fala, em 1881, de um “renascimento do materialismo”, ele lista nomes como Büchner, Überweg, Strauss, Moleschott, ignorando Marx. Cf. FREULER, 1997, p. 8.

¹⁰ Cf. LANGE, 1921, p. 71.

¹¹ LANGE, 1921, p. 72.

¹² LANGE, 1921, p. 72.

¹³ JANET, 1875, p. 11.

O materialismo das ciências naturais possui um outro direcionamento. Mais afeito ao materialismo inglês e francês do século XVIII¹⁴, e rompendo com a ortodoxia dominante da situação intelectual da Alemanha – que resistia de forma impetuosa ao materialismo, principalmente através de Leibniz e os defensores do leibnizianismo –, nomes como Jacob Moleschott, Carl Vogt e Ludwig Büchner fundam um materialismo peculiar – chamado de forma pejorativa por Vaihinger e Engels de *materialismo vulgar* – cujos fundamentos são herdados do pensamento positivo e das ciências naturais. É à luz dessas heranças que se delimita o referencial metodológico distintivo desse materialismo, ou daquilo Büchner chama de o “conhecimento filosófico-realista”: *partir dos fatos*. Esse referencial prevenirá o estudioso da natureza de enveredar pelo caminho errante percorrido pelos filósofos até então, sobretudo no campo da filosofia natural, que, ludibriados pelo suposto poder da especulação e pelo hermetismo, perderam de vista os fatos e, assim, a capacidade de se expressar com simplicidade e concisão¹⁵. Mas ele também alerta para a cautela que os cientistas devem ter para com tendências filosóficas que aparentemente lhe são mais apazíveis, como o neokantismo. Enquanto Helmholtz anuncia, em *Ueber das Sehendes Menschen*, que o veículo para se reencontrar o ponto de contato entre filosofia e as ciências naturais estaria na teoria da percepção de Kant¹⁶, Büchner enxerga na retomada de Kant somente uma maneira de conservar os erros dos filósofos que conduzem à morte da ciência. “Quando, como alegam os teóricos do conhecimento, as percepções sensoriais dependem de condições meramente subjetivas”, e quando, como prega o neokantismo de Lange, a “crença ingênua na realidade do mundo dos fenômenos deve ser suprimida, então não há

¹⁴ O materialismo, até o século XIX, prospera principalmente na França e Inglaterra. Como diz Lange, “ainda que o materialismo moderno se organize enquanto um sistema pela primeira vez na França, a Inglaterra também foi a terra clássica da visão de mundo materialista” (LANGE, 1921, p. 291). Especialmente significativa será a cena intelectual francesa da segunda metade do século XVIII, capitaneada pelos escritos de nomes como Buffon, Helvétius, Cabanis e, sobretudo, Holbach, cuja obra *Sistema da natureza* passa a ser vista como a “*bíblia de todo o materialismo*” (LANGE, 1921, p. 357). Um dos grandes traços dessa voga está no seu trânsito pelas ciências naturais, como no caso do fisiologismo de Cabanis.

¹⁵ Cf. BÜCHNER, 1867, p. XIII - XIV.

¹⁶ Cf. HELMHOLTZ, 1855, p. 3 - 42. Sobre a conexão entre o programa epistemológico dos neokantianos com as ciências naturais, cf. NASSER, 2014 (II).

absolutamente conhecimento verdadeiro, nenhuma verdade objetiva, nenhuma ciência”¹⁷. Logo, o materialismo, ao se ocupar com os fatos, deve se projetar para além do campo usual de debates filosóficos.

Do exame dos fatos se segue o princípio nuclear do materialismo: a indissociabilidade entre força e matéria. O primeiro livro que introduz esse princípio de forma sentenciosa é *Der Kreislauf des Lebens*, de Moleschott, uma compilação de sua troca de cartas com Liebig sobre grandes temas filosóficos, como a alma, liberdade, imortalidade e finalismo. Büchner recupera e explora com profundidade o princípio em *Kraft und Stoff*, transformando-o no lema da nova corrente. O que ele procura mostrar é que toda tentativa de se separar força e matéria é um esforço inútil de abstração. Primeiramente, é inconcebível acessar a matéria sem que ela esteja inserida numa relação de atração e repulsão. Inversamente, a ideia de uma força como a eletricidade e a atração só é plausível quando em relação a partículas e moléculas. Assim, a matéria é a substância que subjaz às forças e as forças propriedades da matéria. Com essa formulação, o primeiro grande alvo é o criacionismo teísta, posto que uma vez a química tendo provado a eternidade da matéria – e aqui não se deve pensar em átomos, uma vez que uma das peculiaridades dessa corrente materialista é aceitar a premissa pascaliana da infinita divisibilidade da matéria¹⁸ –, e, conseqüentemente, a da força, a crença numa força exterior à matéria, criadora, é nulificada. Mas veremos a seguir que a grande vítima dessa imbricação entre força e matéria é a filosofia. Pois deriva desse princípio as teses mais fundamentais dos materialistas, que são também virulentas críticas endereçadas à filosofia.

2.1. Psicologia

A convicção materialista de que não existe separação entre força e matéria estimula o combate à psicologia racional. Esse afastamento da psicologia metafísica gozava de ampla aceitação em praticamente todo o cenário intelectual da Alemanha da época, especialmente em virtude da grande influência dos fisiólogos, cujos resultados confiáveis de suas pesquisas fazem com que a *nova psicologia* seja chamada por Wundt de uma *psicologia fisiológica* – não por acaso um célebre periódico, como o

¹⁷ BÜCHNER, 1900, p. 464 e 465.

¹⁸ Cf. JANET, 1875, p. 24.

Zeitschrift für Psychologie, vem acompanhado pelo complemento *und Physiologie der Sinnesorgan*¹⁹.

Um dos momentos mais expressivos desse combate ocorre na 31ª Assembleia dos Naturalistas em Göttingen, quando têm início o debate entre Rudolph Wagner e Carl Vogt²⁰. Wagner, um declarado antimaterialista, resguarda a ortodoxia filosófica e religiosa, saindo em defesa do criacionismo, da tese da *generatio aequivoca* e da imortalidade da alma; as recentes conquistas naturalistas, no seu entender, não suspendiam a fé na origem bíblica do homem e tampouco numa alma imortal. Vogt, por outro lado, indica justamente o inverso. Sobre o primeiro problema, estudos geológicos e anatômicos apontam para uma origem difusa do homem, bem como para uma idade da terra muito mais antiga do que aquela relatada na bíblia. Sobre a imortalidade da alma, Vogt dirá que a visão de Wagner, assim como a de todos os espiritualistas, incluindo Lotze, simplesmente carece de provas²¹. Na melhor das hipóteses, trata-se do reflexo da revolta de Wagner com a mortalidade do homem. Pois o que Wagner diz sobre a alma substancial, imortal e independente do corpo “não é o resultado de uma pesquisa ou reflexão”²². Mas então o que dizem os fatos? Em poucas palavras, que as “atividades espirituais são somente funções do cérebro”²³.

Para o materialismo, a psicologia deve ser um ramo das ciências naturais. Como diz Vogt, “a redução da psicologia às ciências naturais é o próximo progresso do futuro”²⁴. Essa nova psicologia corrobora Comte, que já havia alertado sobre a inexistência de um domínio específico da psicologia, o domínio do interior em antagonismo ao exterior. A *nova psicologia* abandona a metafísica – e, assim, o estudo da alma e suas faculdades –, dedicando-se somente aos fenômenos inscritos no terreno das

¹⁹ Cf. BORING, 1957, p. 421.

²⁰ Para um exame detalhado dessa controvérsia, cf. BEISER, 2014, p. 56 - 62.

²¹ Cf. VOGT, 1855, p. 33. Com efeito, a posição de Lotze não deve ser entendida tão somente como um prolongamento daquela de Wagner. Após ter sido citado por Wagner nessa controvérsia, Lotze se pronuncia sobre o assunto de forma mais direta em sua obra *Mikrokosmos*, quando, então, propõe uma tese cujo teor seria mais compatibilista. Cf. BEISER, 2014, p. 62 - 70.

²² VOGT, 1855, p. 119.

²³ VOGT, 1855, p. 33.

²⁴ VOGT, 1855, p. 1.

ciências biológicas. Portanto, “todo estado psíquico determinado é ligado a um ou vários estados físicos determinados”²⁵. Tome-se o caso de Moleschott na sua obra *Lehre der Nahrungsmittel*. Nela, Moleschott mostra de que maneira os alimentos são a principal fonte dos estados fisiológicos e psicológicos: é a alimentação que faz de um povo inflamado ou calmo; vigoroso ou fraco; corajoso ou covarde; pensante ou intelectualmente ocioso.

2.2. Pensamento

Essa articulação terá implicações imediatas no campo de estudos do pensamento. Pois, dado que não existe um domínio independente da alma, também não se deve admitir o pensamento enquanto uma faculdade independente; o pensamento só pode ser bem entendido em relação ao corpo, mais especificamente o cérebro, tido pelos materialistas enquanto o *órgão do pensamento*.

A formulação da doutrina materialistado pensamento possui fases distintas. A primeira é representada por Vogt, quando define o pensamento como um resíduo material do cérebro - o pensamento estaria para o cérebro assim como a bÍlis para o fÍgado e a urina para os rins. Essa definição reforça a clássica caracterização dada por Cabanis ao pensamento enquanto uma secreção do cérebro. Contudo, Büchner reformula essa definição devido ao que ele chama de uma “comparação infeliz” feita por Vogt. A razão é trivial: “o pensamento, o espírito, a alma não são materiais”²⁶. O pensamento é produzido pela matéria, como a eletricidade. Demonstrou-se pela experiência que o pensamento é um tipo de movimento da matéria; a essência do pensamento deve ser buscada na intercomunicação das fibras nervosas, cujos efeitos são elétricos. Büchner está, portanto, adequando a doutrina do pensamento ao princípio norteador dos materialistas. A grande objeção a Vogt é ele ter confundido o pensamento com a matéria quando, com efeito, trata-se de algo como a força. Assim como não há força sem matéria, também não há pensamento sem matéria. De qualquer modo, revela Büchner, no essencial Vogt acertou: não há pensamento sem cérebro. Trata-se de uma verdade “simples, clara”²⁷.

²⁵ RIBOT, 1898, p. xi.

²⁶ BÜCHNER, 1867, p. 156.

²⁷ BÜCHNER, 1867, p. 160.

Büchner dedica o capítulo “Cérebro e alma” de sua obra capital para debater o assunto. Ali ele desenvolve as suas considerações tendo como referência critérios estritamente fisiológicos. Para se compreender a natureza das atividades intelectuais é preciso seguir o método da anatomia comparada e estudar o tamanho e a massa do cérebro, as suas composições químicas e, por fim, a maneira como ele é utilizado.

No concernente ao primeiro aspecto, Büchner pretende, antes de tudo, conferir primazia ao cérebro humano em comparação com o cérebro dos animais. O homem possui o maior cérebro entre os animais, mesmo quando comparado com animais como baleias e elefantes que, proporcionalmente, continuam possuindo cérebros menores do que o dos homens. Mas essas diferenças podem ser também estendidas para indivíduos humanos. Por exemplo, baseando-se nos estudos de Hermann Wagner, Büchner indica de que maneira o cérebro de um trabalhador manual é menor do que o de um cientista.

O outro componente essencial é o químico. Nesse caso, é especialmente valioso o estudo da relação entre fósforo e pensamento. Com isso, Büchner confere assentimento à equação polêmica de Moleschott: “sem fósforo não há pensamento!”²⁸. Em *Lehre der Nahrungsmittel*, Moleschott havia defendido que o fósforo é o alimento do cérebro, de modo que, para se pensar, é preciso consumir alimentos ricos nessa substância, como carne, pão e ervilha²⁹. Büchner reitera essa tese, chamando a atenção para o fato de que estudos comparativos revelam que o cérebro do homem adulto possui mais fósforo do que o cérebro de crianças e idosos, o que explicaria porque as atividades intelectuais mais fecundas se restringem a essa faixa de indivíduos.

Por fim, não importa ter um cérebro grande e rico em fósforo se ele não for bem exercitado. Baseando-se em estudos de anatomistas, Büchner procura mostrar que aqueles que levaram uma vida intelectualmente ativa apresentam cérebros mais densos e firmes. Essa constatação logo se transforma numa questão de natureza sociológica e política: os membros das classes mais abastadas, que dispõem de tempo livre para o trabalho intelectual, possuem cérebros mais desenvolvidos quando comparados com aqueles das classes desfavorecidas.

²⁸ Cf. BÜCHNER, 1867, p. 147.

²⁹ Cf. FREULER, 1997, p. 61.

Em linhas gerais, o pensamento para o típico materialista vulgar deve ser entendido em sua relação com o cérebro, e não como algo etéreo, em si, tal como acreditam os filósofos. Tratar o pensamento como uma substância espelha o feitiço das palavras que vitimou os filósofos; eles tomaram palavras por coisas reais, perdendo de vista seu caráter de pura convenção. Se se pretende efetivamente interrogar a natureza do pensamento, é preciso estudá-lo em seu caráter relacional, vinculado ao cérebro.

2.3. Moral

Assim como não se pode admitir a alma e o pensamento enquanto esferas independentes, os materialistas também não aceitam a concepção de livre arbítrio e responsabilidade, o que afetará de forma profunda as morais tradicionais com bases metafísicas.

Segundo Büchner, somente os preconceitos metafísicos e espiritualistas levam a se acreditar numa vontade livre quando, com efeito, o homem é essencialmente determinado pela necessidade natural. “O homem é um produto natural, tanto na sua essência corporal quanto espiritual”, de modo que não há dúvidas de que “não só o que ele é, mas também o que ele faz, quer, sente e pensa depende de tais necessidades naturais, tal como toda a construção do mundo”³⁰. Isso significa que a maior parte das ações humanas é determinada, o que faz com que a livre escolha exista de forma muito restrita, ao contrário do que pensam os “moralistas e filósofos”³¹. Visto por este prisma, vale destacar, o estratagema é análogo ao de Stuart Mill no famoso sexto livro do seu *Sistema da lógica* – pela primeira vez traduzido para o alemão em 1849. Segundo Mill, o mundo moral pode ser tangenciado por métodos das ciências naturais. Mill propõe enfrentar o consenso instalado hesitante ante a possibilidade de reputar reconhecimento científico aos estudos da mente e sociedade, pois pensamentos e sentimentos não poderiam ser objetos da ciência. O principal desafio circunda a ideia de vontade livre; afinal, diz-se que a vontade não obedece causas. Contudo, Mill defenderá que é completamente aceitável aplicar o método indutivo no campo das ciências morais – as *Geisteswissenschaften* –, o que significa que todas as ações humanas são determinadas, tais como as leis da natureza. O problema real estaria

³⁰ BÜCHNER, 1867, p. 271.

³¹ BÜCHNER, 1867, p. 277.

somente no acesso ainda pouco satisfatório aos fatos mentais e sociais. Nesse caso, deve-se pensar as ciências morais em analogia com a meteorologia. Quer dizer, ninguém duvida que os meteorologistas lidam com leis naturais; porém, eles ainda não sabem exatamente a ordem do antecedente e consequente, o que torna a meteorologia uma ciência imperfeita. A razão para tanto reside na dificuldade em observar os fatos. Ora, o mesmo ocorre com as ciências morais. Trata-se, portanto, de uma dificuldade contornável, de modo que quando se examina com maior acuidade sentimentos e pensamentos, abre-se uma possibilidade concreta para que se preveja o que será pensado e sentido. Essa possibilidade é particularmente mais promissora no caso de indivíduos ao invés de nações. Conhecendo bem as circunstâncias que cercam um indivíduo, podemos prever com exatidão como ele agirá. Isso fará com que Mill diga que “podemos calcular qualquer caráter assim como podemos calcular a órbita de qualquer planeta”³².

A grande fonte metodológica para os materialistas vulgares sustentarem essa tese determinista provém da estatística. Estudos estatísticos, como os de Quételet, têm a virtude de desvelar um padrão em fenômenos diversos³³. Eles mostram que, em circunstâncias idênticas, as ações cometidas pelos homens são muito semelhantes – pense-se em casamentos, furtos ou assassinatos. Büchner elenca três grupos de influências que controlam a vontade:

- a) A primeira e mais poderosa influência é exercida pela organização de cada pessoa, nas suas tendências físicas e morais herdadas dos antepassados.
- b) A segunda influência provém da educação e treinamento.
- c) Por fim, um terceiro tipo de influência deve ser identificado em circunstâncias externas, como clima, alimentação, situação política e social.

Uma grande quantidade de exemplos reflete a visão materialista que reduz de maneira drástica a liberdade humana em nome do poder das influências. Tome-se o caso dos árabes: selvagens em sua terra natal, um deserto

³² MILL, 1895, p. 554.

³³ Cf. FREULER, 1997, p. 82.

árido, mas transformados após conquistarem a Pérsia, Espanha e Índia. Outro exemplo elucidativo provém do exame dos povos que residem em áreas afetadas por catástrofes naturais, cuja imaginação e superstição são mais agudas do que a força da razão. Resultados semelhantes podem ser retirados da análise do caráter humano quando submetido a diferentes sistemas políticos: enquanto se observam no despotismo cidadãos habituados a servir, na república temos a figura do homem que respeita a si mesmo.

Portanto, apoiando-se em estudos estatísticos, os materialistas pretendem erradicar a responsabilidade e a culpa. Isso tem um efeito imediato na esfera jurídica, posto que os criminosos devem ser encarados como vítimas das circunstâncias. Como mostrará Büchner, crimes, mesmo os hediondos, estão fortemente vinculados a anormalidades físicas do infrator, independentemente de sua vontade³⁴. Estudos, como os de Benedikt e Bordier, revelarão a grande proximidade entre a loucura e o crime – Bordier, por exemplo, após examinar o cérebro de criminosos, revelará que em sua maioria os lóbulos parietais apresentam-se muito desenvolvidos em detrimento dos frontais, o que aponta para uma diminuição do intelecto e aumento de impulsos violentos. Logo, criminosos são criminosos por estarem inseridos em ambientes desfavoráveis, por não terem tido educação, por abominações físicas, mas não pelo livre arbítrio. Nesse sentido, criminosos deveriam ser objeto de pena e não de execução.

Em suma, o homem é um ser que, como o animal e a planta, obedece à natureza que, por sua vez, é imoral. Isso não quer dizer que os materialistas vulgares preguem um *imoralismos*; há um programa moral, mas alternativo àqueles com raízes religiosas e metafísicas. A nova referência deve ser fornecida pelos costumes sociais. O que se chama de “sentimento moral” tem a sua “origem nos instintos sociais ou no hábito”³⁵. Bem e Mal são valores relativos; são valores relativos à sociedade que em épocas distintas os definem visando a uma maximização de condições favoráveis para se viver. Bem é o que traz benefícios para a sociedade, e potencializa a felicidade humana, enquanto o Mal é aquilo que é nocivo à sociedade e promove a infelicidade.

³⁴ Cf. BÜCHNER, 1867, p. 279.

³⁵ BÜCHNER, 1902, p. 278.

Conclusão

Com a hegemonia do ponto de vista das ciências naturais, o ponto de vista materialista, a filosofia agoniza. É verdade que os materialistas, salvo por Vogt, não encorajam uma completa destruição da filosofia. Nesse sentido, é possível que estudiosos, como Freuler e Beiser, se precipitem quando veem no surgimento do materialismo a imediata derrocada da filosofia. Tal como assevera Büchner, “as ciências da natureza combatem não a *filosofia*, mas os *filósofos* e a sua obscuridade especulativa”³⁶; o “realismo não quer negar a filosofia”, tal como muitos pensam, mas prevê, antes, um “*renascimento da filosofia*”³⁷. Para Büchner, podemos localizar no darwinismo, que se coloca num plano distinto daquele dos *Naturphilosophen*, assim como das meras pesquisas de detalhes promovidas por especialistas, uma harmoniosa confluência entre filosofia e ciência³⁸. De qualquer modo, a filosofia é resguardada somente na medida em que justifica o realismo das ciências da natureza, perdendo, portanto, a sua posição privilegiada de *rainha das ciências*. Será preciso aguardar que a filosofia da segunda metade do século XIX, e do início do XX, empreenda uma crítica severa à mentalidade naturalista para que, então, o prestígio da filosofia seja resgatado.

Enfatizo, enfim, que, nesse artigo, eu busquei tão somente fornecer alguma contribuição para a redescoberta de um capítulo da história da filosofia injustamente relegado pelos manuais. Recentes pesquisas de ponta colaboraram de forma significativa para esse reparo; mas, no meu modo de ver, há ainda muito para ser feito. Acredito que empreender essa correção é uma das tarefas prementes para os historiadores de filosofia contemporânea da nossa atualidade.

³⁶ BÜCHNER, 1884, p. 14.

³⁷ BÜCHNER, 1872, p. 400.

³⁸ Cf. BÜCHNER, 1872, p. 164 e 165. Büchner foi o responsável por estabelecer o ponto de contato entre o materialismo dos anos 50 e o darwinismo. Dessa forma, não me parece inteiramente legítima a periodização proposta por Beiser que divide o materialismo na Alemanha nas seguintes fases: uma que ele classifica como “clássica” (1854 - 1863), e outra como “darwinista”, que vai de 1863 até o fim do século XIX, e que giraria em torno de tópicos das teorias de Darwin. Cf. BEISER, 2014, p. 55 e 56. De qualquer modo, Büchner também foi um crítico do darwinismo, especialmente da teoria da descendência e a explicação da evolução pela seleção natural. A esse respeito, cf. KELLY, 1981, p. 33.

Referências

- BEISER, F.C. *After Hegel. German Philosophy 1840-1900*. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- BORING, E. G. *A History of Experimental Psychology*. New Jersey: Prentice Hall, 1957.
- BÜCHNER, L. *Kraft und Stoff. Empirisch-naturphilosophische Studien*. Leipzig: Theodor Thomas, 1867 / 1902.
- _____. *Sechs Vorlesungen über die Darwin'sche Theorie von der Verwandlung der Arten*. Leipzig: Theodor Thomas, 1872.
- _____. *Aus Natur und Wissenschaft. Studien, Kritiken und Abhandlungen I*. Leipzig: Theodor Thomas, 1884.
- _____. *In Dienste der Wahrheit. Ausgewählte Aufsätze aus Natur und Wissenschaft*. Giessen: Emil Roth, 1900.
- FREULER, L. *La crise de la philosophie au XIX siècle*. Paris: Vrin, 1997.
- GREGORY, S. *Scientific Materialism in Nineteenth Century Germany*. Dordrecht: Reidel, 1977.
- HELMHOLTZ, H. *Ueber das Sehen des Menschen. Ein populär wissenschaftlicher Vortrag*. Leipzig: Leopold Voss, 1855.
- KELLY, A. *The Descent of Darwin. The Popularization of Darwinism in Germany, 1860-1914*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1981.
- KÖHNKE, K. C. *The Rise of Neo-Kantianism. German Academic Philosophy between Idealism and Positivism*. Trad. R. J. Hollingdale. Cambridge: Cambridge University Press.
- LANGE, F. *Geschichte des Materialismus und Kritik seiner Bedeutung in der Gegenwart*, I / II. Leipzig: Friedrich Brandstetter, 1921.
- MILL, J. S. *A System of Logic, Ratiocinative and Inductive: Being a Connected View of the Principles of Evidence and the Methods of Scientific Investigation*. London: Longmans, Green, and Co., 1895.
- NASSER, E. "Materialismo vulgar". In: <http://arethusa.fffch.usp.br/node/106>.
- _____. "Teoria do conhecimento (surgimento)". In: <http://arethusa.fffch.usp.br/node/104>.
- RIBOT, T. *La psychologie allemande contemporaine*. Paris: Félix Alcan, 1898.

RINGER, F. K. *O Declínio dos Mandarins Alemães. A Comunidade Acadêmica Alemã, 1890-1933*. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edusp, 2000.

SCHLEIDEN, M. J. *Schelling's und Hegel's Verhältniss zur Naturwissenschaft*. Leipzig: Engelmann, 1844.

SCHNÄDELBACH, H. *Philosophy in Germany: 1831-1933*. Trad. Eric Matthews. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

VOGT, K., *Über den heutigen Stand der beschreibenden Wissenschaften*. Giessen: Ricker, 1847.

_____. *Köhlerglaube und Wissenschaft. Eine Streitschrift gegen Hofrath Rudolf Wagner in Göttingen*. Giesen: Rieder'sche, 1855.

E-mail: enasser@uol.com.br

Recebido: 08/2014
Aprovado: 09/2014